



Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo - 23 a 26 de agosto de 2011

Eixo Temático
Quadrinhos e Identidade

A (IN)VISIBILIDADE LÉSBICA NO BRASIL : UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO E EXPRESSÃO DO HOMOEROTISMO FEMININO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Lilian Santos¹

RESUMO

Fizemos a busca de histórias em quadrinhos com temática lésbica, por autoras homossexuais brasileiras ou estrangeiras, desde que com tradução para o português. Analisamos seus discursos imagéticos e textuais de acordo com as Teorias de Gênero e Sexualidade de Butler e também Foucault, baseando-nos nos métodos de Análise de Discurso propostos por Eni Orlandi e Dominique Maingueneau; e na linguagem dos quadrinhos proposta por Eisner, McCloud e Ramos. Encontramos principalmente web tiras voltadas exclusivamente para o público lésbico, em sua maioria trabalhos interrompidos e de pouca complexidade teórica e de linguagem. Como exceção, temos o *graphic novel Fun Home*, de Alisson Bechdel, o único trabalho do gênero com tradução para o português e que explora largamente os recursos de HQ para construção de um discurso de um sujeito lésbico.

Palavras Chave: Histórias em Quadrinhos, Lésbicas, Análise de Discurso, Sexualidade

ABSTRACT

We made a search for lesbian comics by brazilian lesbian authors, or at least provided with translation into portuguese. We analyzed their pictorial and textual discourses according to Foucault's and Butler's Theories of Gender and Sexuality, and based on the methods of Discourse Analysis proposed by Eni Orlandi and Dominique Maingueneau, and the Language of Cartoons proposed by Eisner, McCloud and Ramos. We found mainly web strips designed exclusively for the lesbian audience, mostly stopped jobs with little theoretical and language complexity. As an exception, we have the graphic novel *Fun Home* by Alison Bechdel, the only work of its kind with translation into Portuguese that broadly explores the features of HQ for construction of a discourse of a lesbian subject.

Keywords: Comics, Lesbian, Discourse Analysis, Sexuality

INTRODUÇÃO

O estudo da expressão homoerótica na arte brasileira é imensamente restrito, e ainda assim tem como foco a homossexualidade masculina. Embora estes estudos devam-se ao pioneirismo dos Estudos sobre a Mulher, a homossexualidade

¹ Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Midialogia pela Universidade Estadual de Campinas- Unicamp, Campinas, SP, Brasil.

feminina em si foi deixada para trás tanto socialmente quanto academicamente. Semelhante ao fato de a mulher, durante muito tempo, ser marginalizada de qualquer análise social, a homofobia relacionada às lésbicas se dá muito mais pelo descaso e indiferença do que pela violência física. No Brasil, inclusive, a marginalidade da lesbianidade na arte é completa, e os estudos sobre ela, pouquíssimos.

Os *lesbian comics* - forma de expressão bastante interessante pois não necessita de muitos intermediários entre quem produz e quem consome, diferente do cinema, por exemplo - são bastante numerosos nos outros países; já no Brasil não se sabe e nem há nenhum estudo neste sentido. De qualquer maneira, não encontramos estudos relevantes no Brasil e no mundo que dediquem atenção especial à expressão da lesbianidade nas histórias em quadrinhos. Assim, neste trabalho, ainda em andamento, desejamos realizar a busca por estas produções no país e analisar sua linguagem - tanto imagética quanto textual - para percebermos as conexões entre as expressões da lesbiandade nos quadrinhos brasileiros em comparação com os trabalhos feitos no exterior, mas disponíveis no Brasil.

1- AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Os quadrinhos trazem consigo uma controvérsia desde que iniciaram as discussões sobre sua validade como forma de arte, já que há em contrapartida a idéia de que são apenas material frívolo, de entretenimento, e até infantil.

Apesar de a forma de arte dos quadrinhos ter muitos séculos de idade, ela ainda é vista como invenção recente que está fora dos quesitos necessários às belas artes. Assim, os quadrinhos são muitas vezes tratados como arte menor, pela compreensão que construímos da junção das imagens e palavras muito frequente em nossas vidas desde o advento da imprensa: a propaganda e a cultura de massa. O fato de ter imagens associadas a um texto nos remete às embalagens dos produtos, dos panfletos, do vendável. O texto associado a desenhos nos lembra os livros infantis, em que a proporção de imagens aumenta de maneira inversamente proporcional à maturidade do leitor.

Contudo, esta forma de expressão ocorre muito antes da imprensa, e sua linguagem se desenvolve ao longo de séculos. Da tapeçaria de Bayeux, na França, que narra a conquista da Normandia da Inglaterra, até as pinturas e gravuras de William Hogarth, em 1731, desde os vitrais mostrando cenas bíblicas em ordem até os manuais de instrução, nos são trazidas pistas da trajetória desta linguagem específica que se constrói na confecção dos quadrinhos.

Esta linguagem traz diversas características interessantes para nós. Por exemplo, o fato de os quadrinhos permitirem-se explorar a iconicidade de uma imagem - para a sensação de representação de si em oposição à arte realista e minuciosa, ativa e distante - não pode ser ignorado. Ou seja, o leitor é levado a engajar-se na leitura e se reconhecer no personagem muito mais do que o faria se visse um desenho realista, minucioso e objetivo de um ser humano porque quanto mais icônico é o personagem, mais fácil é a ligação representativa por parte do leitor. Esta participação ativa específica dos quadrinhos também ocorre pelo fenômeno da Conclusão.

A Conclusão é o fenômeno que faz com que imaginemos que o que acontece na nossa frente, por mais que seja fragmentado em imagens estáticas, nos pareça fluido, contínuo. Na mídia eletrônica em geral, a Conclusão é amplamente involuntária e virtualmente imperceptível. Já nos Quadrinhos, a Conclusão é mais consciente, já que as imagens não são projetadas a 24 quadros por segundo mas elas estão estáticas, lado a lado presente, passado e futuro, à disposição do leitor. O que o cinema desenvolve no tempo, os quadrinhos desenvolvem no espaço. (MCCLLOUD, 1992)

Esta participação ativa do leitor, e sua facilidade de identificação com os elementos icônicos dos quadrinhos é um fenômeno que ainda apresenta muito campo para estudo, o que buscaremos efetuar estudando esta linguagem e relacionando-a com os estudos sobre sexualidade e a expressão da lesbianidade.

2 - A INVISIBILIDADE LÉSBICA

A invisibilidade lésbica é uma das questões importantes para o nosso trabalho. Uma pista para a sua rigidez encontramos em Foucault: “O que não é

regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras”. (FOUCAULT, 2006)

Assim, a repressão sexual, que se inicia no século XVII, coincide com o desenvolvimento do capitalismo e com a conseqüente redução do prazer ao mínimo necessário para a reprodução, tendo, adiante, a psicanálise um papel importante de normalização e conformidade.

Desta maneira o sexo então vira caso de polícia e deve ser confessado, trazido sempre ao discurso, para seu conveniente controle. O sexo, para ser dominado no plano real não deve deixar de ser dominado no plano da linguagem, ou seja, se isso não existe, não se fala sobre isso, e vice-versa (FOUCAULT, 2006).

Assim, embora a questão da visibilidade lésbica como uma solução para a subordinação das mulheres homossexuais em relação à heteronormatividade seja algo, neste ponto, discutível para muitas, entre elas Anabela Rocha (ROCHA,1992) e Annamarie Jagose (JAGOSE,2002), é interessante entender como se constrói essa invisibilidade e quais seus reflexos na produção artística – no nosso caso específico, os quadrinhos - dessas mulheres.

Sedgwick nos fala do “privilégio de desconhecer”, em que se mostra a hegemonia heterossexual na acusação dos homossexuais de se mostrarem quando isso não é desejado (SEDGWICK, 2007). Ou seja, este apagamento da expressão da lesbianidade não é por acaso, pois ocorre, por um lado, o cerceamento de quem demonstra uma sexualidade *indesejada* pela heteronormatividade, e, por outro, o apagamento de sua expressão na literatura (COOK, 1979) unido à banalização dos casos que não admitem ser escondidos.

Junto à construção da idéia de que as mulheres “são convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas - mesmo se opressivos e não satisfatórios” (RICH, 1982), o ambiente hostil à homossexualidade feminina possibilitou a criação de subterfúgios pelas próprias lésbicas, ao longo da história: nos Diários de Anne Lister, uma lésbica do século XVIII que se vestia como um cavalheiro, nunca se casou e só desfrutava da

companhia amorosa de mulheres, era utilizada a invisibilidade das lésbicas como uma estratégia não só de preservação mas de sedução: perguntada por uma de suas futuras amantes sobre o boato de lesbianismo de Maria Antonieta, Lister se mostra surpresa e diz não compreender o sexo entre duas mulheres.

Desta maneira, a invisibilidade se construiu de maneira tão acirrada que as tentativas de proibição da homossexualidade feminina na Inglaterra dos anos 20 foi um fracasso, pois não tinham provas de que *de fato existia*.

Quando não se pôde mais negar a existência destes relacionamentos, a estratégia passou a ser *prevenir* as mulheres tidas como heterossexuais para que não *caíssem nas armadilhas destas pervertidas*. Assim, os Pulp Sexologies dos anos 50 e 60 nos Estados Unidos mostravam sim cenas de mulheres tendo relações sexuais, mas como forma de prevenção para as mulheres que ainda não caíram na homossexualidade. Ou seja, a lesbianidade poderia ser evitada caso as mulheres *de bem* evitassem contato com lésbicas experientes. (JAGOSE, 2002)

Em suma, a existência lésbica é apagada na arte, na literatura e no cinema, e diversos são os mecanismos de sua supressão. A compreensão destes é imprescindível para a análise do tímido discurso artístico das lésbicas brasileiras que demonstram sua sexualidade nas histórias em quadrinhos.

3 - METODOLOGIA E MATERIAL

O material analisado serão as histórias em quadrinhos produzidas por e para lésbicas, que tenham um discurso em que seja relevante a sexualidade e suas implicações sociais, tanto as produzidas no exterior e de grande circulação nacional – com tradução para o português - quanto as produzidas no Brasil.

A metodologia utilizada é especificada a seguir:

3.1 Fazer uma busca por histórias em quadrinhos que tratem significativamente de temática lésbica, cujas autoras sejam lésbicas, produzidas no Brasil ou ao menos traduzidas para o português.

Buscamos este material, tanto em formato impresso em livrarias e bibliotecas, como em formato on line, disponível na internet.

3.2 Analisar os discursos imagéticos dos trabalhos encontrados.

As imagens serão analisadas de acordo com a linguagem específica dos quadrinhos, seguindo o método de análise de Will Eisner (EISNER, 1999) e (EISNER, 2008), bem como de Scott McCloud (MCLOUD,2005) e Paulo Ramos (RAMOS,2010) . Desta maneira, a análise se dará nos seguintes tópicos:

- A *apresentação do texto*: fonte utilizada, caligrafia – à mão ou digitada- tamanho da fonte, formato do balão de fala.
- O *timing* : Quantos quadrinhos, quais ações são fundamentais para a compreensão do enredo, qual o ritmo da história.
- O *quadrinho*: Qual o enquadramento das ações; que planos são utilizados e qual a sensação emotiva de cada um, o formato e tamanho do requadro, a função emocional do requadro.
- A *anatomia expressiva*: A expressão do corpo; o uso dos gestos, o rosto e a emoção, a postura representativa de um momento decisivo.
- O *Campo e o Extra-Campo* : a relação entre o que é mostrado e o que é ocultado.

3.3 Analisar os discursos textuais (intra e interdiscursivos) dos trabalhos encontrados, de acordo com os textos de Análise de discurso e Gênero e Sexualidade

A análise do que é falado nas histórias vai ser feita de acordo com os questionamentos levantados pelas leituras em Análise de Discurso nos textos de comunicação, como os de Eni Orlandi (ORLANDI, 2007), Ruth Amossi (AMOSSI, 2005) e Dominique Maingueneau (MAINGUENEAU, 2008); e Sexualidade, Gênero e Homoerotismo, como os textos de Eve Sedgwick (SEDGWICK,2007) e Kátia da Costa Bezerra (BEZERRA,2002). Assim, a leitura crítica dos discursos destes quadrinhos vai buscar responder às seguintes perguntas:

- Como o discurso é dito? Poderia ter sido dito de outra maneira? O que não foi dito?
- Qual a imagem que se tem dos sujeitos envolvidos?

- Qual a sua relação com outros discursos já sedimentados?
- Os textos fazem uso de polissemia (ruptura dos processos de significação)?
- Quais as relações de poder existentes nos textos?
- Quem são estas mulheres representadas nestes quadrinhos? Qual a diversidade de situações e personagens apresentados?
- Qual a relação destas autoras e suas personagens com o armário? Elas reconhecem sua existência, se intimidam com ele ou defendem sua supressão? Qual a relação destas autoras com a homofobia?
- Como estas autoras percebem o contexto social em que se inserem?
- Quais as estratégias de que estas autoras se valem para se contrapor ou acomodar aos mecanismos opressores?
- O que há em comum entre estas autoras?
- O que há em comum entre as suas personagens?

4 - RESULTADOS PARCIAIS

Entre os quadrinhos lésbicos brasileiros, o que chama mais a atenção em termos de visibilidade é a Personagem Katita (figuras 1 e 2), de Anita Costa Prado.

Katita tem um *e-book* publicado pela editora Marca de Fantasia, chamado “Tiras sem preconceito”. Também foram publicados dois fanzines: “Humor e malícia” e “O preconceito é um dragão”. É um material de uso didático composto por tiras cômicas não seriadas, que têm como objetivo tratar do preconceito e desmistificar a imagem da lésbica no imaginário do brasileiro, utilizadas pela Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual- CADS da Cidade de São Paulo.



Fig 1.:Katita

Fonte: e-book “Tiras sem preconceito”, editora Marca de Fantasia,2006.

Katita interage com personagens pertencentes a diversos grupos de minorias que sofrem algum tipo de preconceito, não só como o homem gay e os transgêneros, mas também as mulheres em geral, pessoas acima do peso, pessoas de estatura pequena, orientais e negros. Este trabalho também busca desconstruir a imagem da lésbica briguenta e masculinizada, numa tentativa de desfazer os estereótipos construídos sobre a imagem das mulheres homossexuais.

Entretanto, se mantivermos uma visão crítica em relação ao tratamento deste preconceito, acreditamos que Prado opta não só por excluir esta lésbica masculinizada do leque de diversidade – da mesma maneira que o fazem em grande parte os sites voltados para os gays, em relação aos “afeminados” – como mantém uma outra caricatura de lésbica em seu trabalho: a lésbica paqueradora e namoradeira, que trata as mulheres como objeto sexual mantendo o status quo da mulher na sociedade falocêntrica. Assim, no e-book “Tiras sem preconceito”, 25% das tiras eram sobre o fato de a Katita ter como hábito flertar com as mulheres em todas as situações possíveis ou sobre sua fixação pelo corpo feminino como objeto sexual. Esta porcentagem é de 23% na edição “Humor e malícia” e de 27% na edição “O Preconceito é um dragão”, que se propõe a “alfinetar conceitos arcaicos” e combater os preconceitos que estão presentes até em “piadinhas aparentemente inofensivas”.



Fig 2.: Katita

Fonte: e-book "Tiras sem preconceito", editora Marca de Fantasia, 2006.

Outro material é o trabalho da Silvia Sakuma, autora da personagem lésbica Kiss (figura 3), cujos tiras estão disponibilizadas no site Dykerama.

Kiss, lésbica fora do armário, é o alter ego da autora, que passa para o papel histórias inusitadas vividas por ela e amigos. Nem sempre o assunto central é a lesbianidade, mas, quando o é, trata do cotidiano das lésbicas, num tom mais pessoal e menos didático do que ocorre com a Katita.



Fig 3.: Kiss

Fonte: Dyketoons, Site Dykerama.com, 2008.

Assim, ela tratou de como sua voz é reconhecível como lésbica ao telefone, o quanto as pessoas relacionam hábitos masculinos a ela, só pelo fato de ser lésbica, de suas conversas no chat com outras garotas e das lembranças que tinha de sua infância e seus traços de homossexualidade desde então.

Um outro trabalho relativamente significativo foi o “Grelo Falante”(figura 4), assinado por Mari Aranha e disponibilizado também no site Dykerama.

O GRELO FALANTE

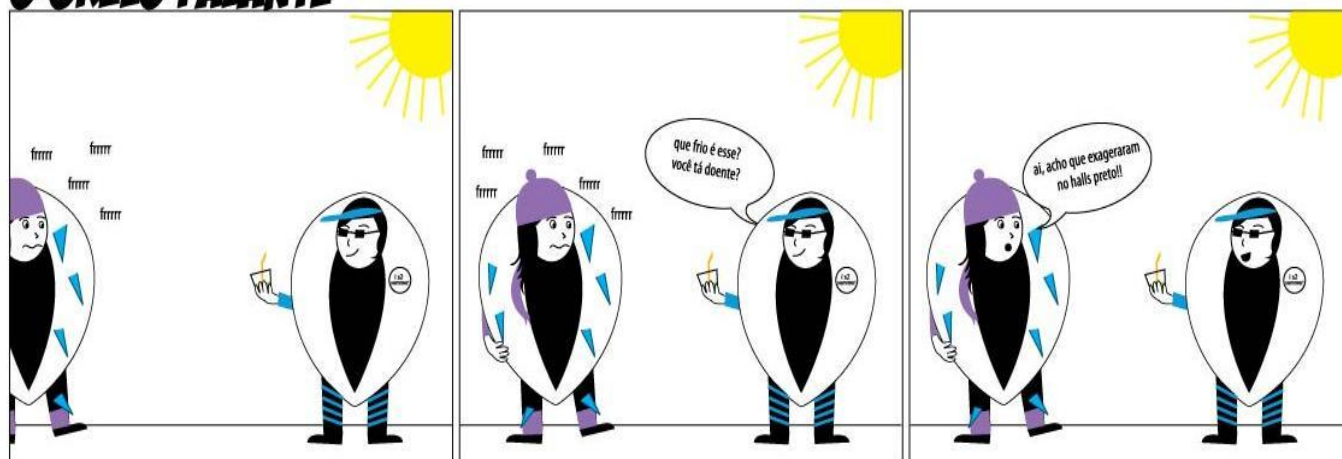


Fig 4.: O Grelo Falante

Fonte: Grelo Falante, Site Dykerama.com, 2008.

O material também é escasso: apenas 5 tiras disponíveis on line, todas com este personagem principal que traz um teor sexual/cômico ao cotidiano das lésbicas tratado em suas histórias.

Até o momento, o único material de fora do Brasil do gênero disponibilizado com tradução para o português é o *graphic novel Fun Home* (Figura 5), de Alison Bechdel. O livro é baseado na vida da própria Alison, e fala sobre uma garota que entra em contato com a própria homossexualidade e ainda lida com a relação difícil e distante com um pai que, mais tarde, ela descobre também ser homossexual.

Bechdel também escreve as tiras *Dykes to watch out for*, publicado em diversas línguas, mas ainda não em português.



Fig. 5: Fun Home

Fonte: Fun Home, Editora Conrad, 2007.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Até o momento, podemos perceber que os quadrinhos de temática lésbica no Brasil são extremamente restritos a um público específico, e limitados quanto ao uso pleno da linguagem dos quadrinhos como forma de expressão. O quase inexistente número de edições estrangeiras traduzidas para o português sugere um apelo fraco às lésbicas como mercado consumidor, o que poderia ser estudado posteriormente. A diferença na qualidade e quantidade das produções nacionais em relação às do exterior é significativa: os trabalhos existentes são poucos e sem continuidade, e ainda voltados e alcançados para um público extremamente específico - ou um objetivo específico, como a questão didática nos quadrinhos da Katita e seu uso pelo pela Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual- CADS da Cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo - 23 a 26 de agosto de 2011

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

BECHDEL, A. **Fun Home**. São Paulo: Conrad, 2007.

BEZERRA, K.C. **Escrita de mulheres e homoerotismo**: a busca por espaços de confluência. In: Souza Jr, JLF. (Org.). *Literatura e Homoerotismo*: uma introdução. São Paulo: Scortecci, 2002. p. 145-167.

BUTLER, J. **Deshacer el genero**. Barcelona: Paidós, 2006.

COOK, B. **Women Alone Stir My Imagination**: Lesbianism and the Cultural Tradition. In: Signs(4), Summer 1979 : 718-739.

EISNER, W. **Graphic Storytelling and Visual Narrative**. Nova Iorque: WW Norton, 2008.

_____ **Quadrinhos e arte sequencial**: a compreensão e a prática da forma ... de arte mais popular do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Historia da sexualidade 1**: A vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

JAGOSE, A. **Inconsequence**: Lesbian Representation and the logic of Sexual Sequence. Nova Iorque: Cornell University Press, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**: história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo: M.Books, 2005.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

PRADO, A.C.. **Katita**: tiras sem preconceito. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.



Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo - 23 a 26 de agosto de 2011

RICH, A. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. In: PARKER, Richard, AGGLETON, Peter. (eds.). *Culture, Society and Sexuality: A Reader*. Los Angeles: University of California Press, 1999. p. 199-225. Artigo publicado originalmente em 1982.

ROCHA, A. Que visibilidade lésbica afinal? LES Online, Vol. 2, No 1 (2010).

SCOTT, J. **História das mulheres**. In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo:UNESP, 1992. p. 63-95.

SEDGWICK, E.K. **A epistemologia do armário**. In: Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007: 19-54.